

## DANÇANDO PARA APRENDER E EDUCAR: INTERFACES ENTRE APRENDIZAGENS E CORPOS HÍBRIDOS

Roberto Lima Sales<sup>1</sup>, Márcia Sepúlveda do Vale<sup>2</sup>, Ana Mariza Honorato da Silva<sup>3</sup>, Gabrielle da Silva Marques<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Mestre em Educação pela UnB e Professor no Instituto Federal do Tocantins. e-mail: <betorls@ifto.edu.br>

<sup>2</sup>Mestre em Língua e Literatura e Professora no Instituto Federal do Tocantins. e-mail: <marcia.vale@ifto.edu.br>

<sup>3</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica e Professora no Instituto Federal do Tocantins. e-mail: <ana.silva@ifto.edu.br>

<sup>4</sup>Discente da 3ª série do ensino médio integrado em agroindústria do Instituto Federal do Tocantins. e-mail: <gabrielledeslv1020@gmail.com>

**Resumo:** A diversidade cultural é uma realidade que impõe novas responsabilidades à escola, apresentando-se não como um problema, mas como um artefato que possibilita a construção do conhecimento significativo pelo aluno. Nessa perspectiva, este estudo apresenta as potencialidades educacionais identificadas no desenvolvimento do projeto de extensão “Dançando para Aprender e Educar”, vinculado ao Instituto Federal de Educação do Tocantins / IFTO - Campus Paraíso, desenvolvido, em sua primeira fase de execução, no período de junho a setembro de 2019. O projeto analisa a construção do saber pelo viés da relação escola/comunidade, pelo diálogo entre a linguagem corporal da dança/contexto social do estudante e pelos saberes propostos nas disciplinas do currículo do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio. Para isso apresenta-se numa abordagem qualitativa, ancorado no referencial teórico de Laban (1978, 1991), de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b) e de outros teóricos que estudam a área de dança-educação, tendo como técnica de pesquisa o estudo de caso e como instrumentos de coleta de dados questionários, diário de bordo e a roda de conversa. Os sujeitos investigados foram alunos dos curso Técnico Integrado ao Ensino Médio e de duas escolas estaduais do município de Paraíso do Tocantins. Os resultados dessa pesquisa apontam que a metodologia educativa do projeto de extensão investigado está, gradativamente, envolvendo os estudantes participantes e os membros de sua comunidade em ações de dança que procuram aprender e ensinar por meio da experiência criativa do corpo, deixando fruir o movimento livre e híbrido da dança e da cultura e expressando os sentidos da vida, os modos de viver e estar no mundo.

**Palavras-chave:** arte-educação, comunidade, corpos híbridos, dança, extensão

### 1 INTRODUÇÃO

Este estudo busca apresentar as potencialidades educacionais identificadas na execução do projeto de extensão “Dançando para Aprender e Educar”, fruto de uma parceria entre o IFTO - Campus Paraíso, a Escola Municipal Bernardo Sayão e a Escola Estadual Centro de Ensino Médio. No intuito de contribuir com atividades de extensão voltadas a práticas didáticas da educação básica que se processam na relação entre dança, educação e comunidade, este projeto foi proposto como parte de uma ação educativa, a ser desenvolvido nos bairros da cidade de Paraíso do Tocantins - TO, o qual busca ampliar os saberes da cultura da dança, por meio do estreitamento das relações entre estudantes/escola/ comunidade, promovendo assim uma prática pedagógica de ensinar e de aprender por meio da linguagem da dança. Concebido e pensado para acesso à cultura e às práticas sociais de jovens em situação de vulnerabilidade social, esta proposta de ensino e aprendizagem é desenhada para estabelecer uma rede de comunicação entre este dois ambientes de formação humana que é a escola e a comunidade, buscando assim explorar um conjunto de ações que visam ampliar o ingresso da arte e das riquezas culturais nos espaços sociais de jovens participantes do projeto.

Nesta perspectiva o presente projeto propõe a dança como uma linguagem e ferramenta para a construção do conhecimento e para a emancipação social em meio ao público jovem (na faixa etária de 14 anos acima) em situação de vulnerabilidade social, oriundos da comunidade de Paraíso do Tocantins - TO. Por meio de estratégias metodológicas criteriosamente elaboradas, os jovens foram desafiados a vivenciar diversos ritmos de dança ao mesmo tempo em que procuraram articular a linguagem da dança

ao seu cotidiano, a sua cultura, a sua comunidade e aos seus anseios, expressando seus sentidos em relação a ser jovem em meio a situações do seu contexto social.

No decorrer das fases de execução deste projeto está sendo realizada uma investigação científica para identificar e evidenciar quais as contribuições da dança e da metodologia adotadas para a formação e emancipação social dos jovens participantes, sendo apresentadas neste estudo como potenciais educativos no trabalho da dança enquanto linguagem e meio de formação humana.

Diante do exposto, o supracitado projeto procurou capacitar, estimular e provocar os jovens participantes a produzirem obras coreográficas capazes de dialogar com o seu corpo e com o seu cotidiano, partindo da estratégia pedagógica de envolver os jovens participantes em diversos encontros com dançarinos de outros grupos e com mestres de dança oriundos da comunidade de Paraíso do Tocantins e do estado do Tocantins. Tal projeto também teve o intuito de estabelecer um diálogo com as danças tradicionais e típicas da cultura tocantinense (com destaque para as danças Sussa, Jiquitaia e Congada - de origem africana, trazida pelos escravos que habitaram a região - e Kupré - de origem indígena, dos povos Xerentes que habitam a região).

Nesse encontro entre gerações de dançarinos, foram promovidas rodas de conversas, troca de experiências e ensaios de danças. Em meio a essa vivência, os jovens dançarinos foram provocados a estabelecer um maior diálogo e interação com a sua comunidade, de forma que os saberes e as experiências de dança e de vida, em especial, os dos cidadãos dançarinos mais velhos, fossem reconhecidos e incorporados aos dos jovens estudantes. Para que, assim, possam ser encontradas possibilidades de produzir novos saberes e de incluir esses estudantes e sua escola no cerne do processo de enraizamento e pertencimento histórico-cultural de sua comunidade.

Diante dessa perspectiva, as práticas educativas do projeto embasam-se nas perspectivas do diálogo-problematizador de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b) e nos fundamentos da dança educativa de Laban (1978, 1991). O referencial teórico deste estudo também foi complementado pelas perspectivas de Freire (2001), Marques (2005), Porpino (2006), Saraiva-Kunz (1994) e Soares et al. (1998). Tais perspectivas valorizam a dança, enquanto arte, enquanto ferramenta potencial para integrar o conhecimento corporal ao intelectual, pois trabalha a capacidade de criação, imaginação, sensação e percepção.

## **2 OBJETIVOS**

Esse trabalho objetiva apresentar as experiências do Projeto de Extensão Dançando para Aprender e Educar (vinculado ao Instituto Federal de Educação do Tocantins / IFTO - Campus Paraíso) e as suas potencialidades educacionais para a educação básica de nível médio.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Em nossa contemporaneidade, a dinâmica da sociedade capitalista fragmenta e anestesia nossa percepção visual, cognitiva, afetiva e corporal. A cada instante o homem se distancia mais da sensibilidade, dos sentimentos, dos valores artístico-culturais. Segundo Freire (2001), para que o indivíduo supere este processo de massificação social é necessário que tome consciência de sua própria vida, isso inclui as dimensões corpo e mente. Neste aspecto, a dança pode contribuir com o indivíduo no sentido de tomar consciência: do seu próprio corpo; do movimento corporal expressivo, criativo e consciente; do sentido do espaço-tempo e de sua relação sócio-afetiva.

As perspectivas teóricas de Freire (2001), Laban (1978, 1991), Marques (2005), Porpino (2006), Saraiva-Kunz (1994), Siqueira (2006) e Soares et al. (1998) apontam que a dança pode trazer a tona à consciência de si mesmo e do outro por intermédio do corpo, viabilizando uma relação mais rica entre o mundo interior e exterior deste corpo, integrando as diferentes culturas e classes sociais. Dessa forma, a linguagem da dança, quando explorada sob uma adequada e criteriosa metodologia, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento integral do ser humano, visto que estimula a criatividade, valoriza e respeita às diferenças individuais, desenvolve senso crítico, cognição, percepção, valores morais e sócio-afetivos, autoconfiança, concentração, determinação, disciplina, raciocínio e inúmeras outras competências necessárias a qualidade de vida e ao desenvolvimento da cidadania. E em relação à dimensão física e biológica do ser humano, Freire (2001) defende que as

técnicas de dança melhoram o desenvolvimento motor (equilíbrio, coordenação, flexibilidade, resistência, força), capacidades corporais essenciais para se obter uma vida saudável.

E para refletir sobre práticas de educação numa perspectiva mais libertadora, autônoma e dialógica para o ensino interdisciplinar, buscamos suporte nos estudos de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b), o qual propõe a educação como meio de liberdade em que o professor e o estudante são os autores do processo de ensino e aprendizagem, e não meros sujeitos aptos e programados para reproduzir e consumir. Freire sempre trabalhou para uma educação como prática da liberdade. Seus estudos fundamentam-se numa perspectiva pedagógica libertadora e problematizadora, em contraposição a educação bancária, partindo de uma educação aberta, voltada para a valorização dos saberes individuais e coletivos em diálogo com a realidade social.

Nessa ótica, o autor aponta e reforça a necessidade do exercício da cooperação, compartilhamento e autonomia no processo ensino-aprendizagem. Para ele, "ensinar não é transmitir conhecimento, mas permitir que o educando construa seu próprio saber. Essa é a tarefa de todo educador" (FREIRE, 1996, p. 47). A educação para o diálogo deve ser impactante para os envolvidos. Assim, é essencial que seja mediada de forma problematizadora. Nesse sentido, é importante destacar que problematizar é exercer uma análise crítica sobre a realidade-problema (FREIRE, 2011b, p. 229). Nessa compreensão, Freire (2011b) defende que: - a educação deve ser dialógica e problematizadora para que se tenha significado; - e que ser um sujeito crítico, autônomo e livre "implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também como a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens" (FREIRE, 2011b, p.98).

Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de pensar o ensino da dança como meio para ampliação do repertório cultural e artístico do aluno e ao identificar as potencialidades educacionais das propostas de ensino apresentada pelo projeto de extensão "Dançando para Aprender e Educar", construímos subsídios que orientam a prática docente na construção de saberes comprometido com a formação humana do aluno. Nesta compreensão do ensino, o foco está no aluno compreender mais de si mesmo e da sua realidade, por meio das relações que se processam entre corpo, dança e comunidade.

Nesse sentido, acreditamos que a dança, enquanto arte, tem o potencial para integrar o conhecimento corporal ao intelectual, pois, trabalha a capacidade de criação, imaginação, sensação e percepção. Também acreditamos que a dança pode trazer a tona à consciência de si e do outro por intermédio do corpo, viabilizando uma relação mais rica entre o mundo interior e exterior deste corpo, integrando as diferentes culturas e classes sociais.

Assim a dança nas escolas e na comunidade necessita de atores competentes, críticos e conscientes de seu papel no que se refere a dialogar e praticar propostas de dança que efetivamente contribuam para construção da cidadania, de um estreitamento entre dos saberes sistematizados pela escola e os oriundos da sociedade, sendo primordial que as experiências vivenciadas por projetos de extensão como o "Dançando para Aprender e Educar", sejam analisadas e apresentadas como possíveis caminhos a seguir rumo a formação pretendida.

#### **4 METODOLOGIA DE TRABALHO**

Este estudo assume como metodologia investigativa o estudo de caso que segundo Yin (2001) é o método apropriado quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diferentes fatores, possibilitando assim identificar as potencialidades educacionais na execução e vivência na escola e na comunidade do projeto de extensão "Dançando para Aprender e Educar". Caracterizada por uma abordagem qualitativa definiu-se pelos instrumentos de coleta de dados o questionário aberto, o diário de bordo, a entrevista e a roda de conversa, tendo como sujeitos da pesquisa (35) alunos dos cursos Técnicos Integrado ao Ensino Médio do Campus Paraíso do IFTO, (10) da Escola Municipal Bernardo Sayão e (20) da Escola Estadual Centro de Ensino Médio, participantes do Projeto "Dançando para Aprender e Educar" no período de junho de 2019 quando iniciou-se o projeto até setembro do referente mês, buscando uma análise parcial dos resultados fruto das experiências e vivência projeto das situações didáticas proposta por este projeto de extensão.

Avançamos nessa investigação motivados pela possibilidade de educar para/pela dança. Nessa meta, as situações didáticas e metodológicas de ensino proposta pelo projeto de extensão foram pensadas e sistematizadas com o objetivo de sensibilizar o educando na busca do estreitamento entre a cultura da dança curricularizada pela escola e a cultura da dança originária da comunidade local. Nesta perspectiva Sacristán (2013, p.23) nos coloca que ao pensar os significados dos objetivos educacionais “não podem estar circunscrito a conteúdos dos limites estabelecidos pelas tradições acumuladas nas disciplinas”, sendo desta forma importante abrir-se para os conhecimentos trazidos pelo aluno, neste caso, suas experiências com a dança fora da escola, para que através desta relação entre cultura da dança escolar e a oriunda da comunidade, possamos possibilitar a ampliação do repertório cultural e artístico do aluno, por meio do desenvolvendo das suas potencialidades criativas, da valorização dos talentos, contribuir para a construção de saberes significativos aos participantes do projeto.

Desta forma, buscando identificar as potencialidades da proposta didática do projeto de extensão foram realizadas 20 oficinas, com uma carga horária total de 40 horas, ofertada a 65 alunos participantes do projeto, tendo como local de realização das atividades os ambientes do Campus Paraíso e das escolas parceiras (a Escola Municipal Bernardo Sayão e a Escola Estadual Centro de Ensino Médio). As oficinas foram organizadas em 05 etapas, sendo que na 1ª etapa busca-se o envolvimento dos estudantes no estudo sobre a teoria que fundamentou o experimento pedagógico, abordando, principalmente, a relação entre dança, educação e comunidade, à luz dos principais teóricos desse estudo, na 2ª etapa é realizado o encontro de dança com a cultura local, com o intuito de conectar os jovens dançarinos com os estilos de danças regionais a partir das matrizes indígena e africana em diálogo com o repertório de dança dos jovens estudantes (fruto de suas conexões com o mundo).

Nesse encontro, foram promovidas rodas de conversas, troca de experiências e ensaios de danças e ao longo dessa etapa, buscou-se estimular a investigação e a prática de possibilidades de hibridismo das danças trazidas pelos estudantes com as danças populares, indígenas, folclóricas e afro-brasileiras (praticadas pelos membros da comunidade paraense). A 3ª etapa é evidenciada pelo envolvimento do grupo em estudos e reflexões prático-teóricas, incluindo a revisão de estudos já realizados na primeira etapa, o que veio a possibilitar na 4ª etapa a chamada ressignificação dos movimentos experimentados, os quais são estudados tomando como base os exercícios do Sistema Laban (1978, 1991), onde procura-se interligar as categorias Expressividade, Espaço, Forma e Corpo, na intenção de reativar o corpo e suas linguagens expressivas, a partir da relação entre movimentos de diferentes sujeitos. O foco está em exercitar a autonomia do corpo por meio do aprendizado de danças culturalmente diferentes (em suas dimensões locais ou globais). Em suma, as práticas de dança centraram-se em (re)criar o novo a partir da troca colaborativa, em busca de um corpo revitalizado e autônomo capaz de superar seus limites. Como resultado, os movimentos estudados são ressignificados a partir de trocas colaborativas entre os membros do grupo. Posteriormente, ocorrem processos de apropriação teórica e prática com apresentação das experiências vivenciadas no projeto por meio de construções coreográficas em solo ou em grupo, improvisadas ou não. Já na 5ª etapa foram realizadas análises de impacto da experiência artístico-pedagógica por parte dos estudantes e dos membros da comunidade envolvidos. Para essa avaliação e coleta de dados analisou-se o diário de bordo dos estudantes e os depoimentos manifestados nas rodas de conversas.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para a análise que se segue, escolhemos investigar as composições de danças, produzidas pelos dançarinos participantes, que, ao longo das experimentações, constituíram-se de movimentos e estilos mistos de dança.

Nesse sentido, os jovens dançarinos relataram algumas experiências de destaque no projeto, dentre as quais citam a fase em que iniciaram as suas criações coreográficas junto a alguns dançarinos da comunidade de Paraíso do Tocantins e em diálogo com a cultura de dança tocantinense. Os jovens comentam que este foi um momento de grande e profundo intercâmbio de experiências com base em matrizes de danças afro-descendentes (Sussa, Jiquitaia e Congada) e danças indígenas (em especial a

dança Kupré). As produções coreográficas criadas foram inspiradas nestas matrizes de danças e foram produzidas a partir da montagem de recortes de movimentos hibridizados que também sofreram a influência do repertório de movimentos dos jovens dançarinos. Nesse processo, foram vivenciadas as matrizes de movimentos aprendidos, com trocas de experiências e impressões, debatendo sobre os impactos provocados. Nessa etapa, procurou-se identificar também as aproximações e os distanciamentos das manifestações culturais praticadas nas danças regionais com o mover íntimo de cada estudante.

Segundo os estudantes Felipe e Naty, essa experiência de “explorar e vivenciar diferentes culturas regionais e mundiais da dança, colocou a gente em contato com muitos estilos de danças da nossa região e com muitas visões de mundo, onde a gente pode perceber que por meio dessa experiência com as danças, que fazem parte da nossa história e da história da nossa comunidade, pode nos proporcionar outras maneiras da gente ser e de viver nesse mundo [...]” (Diário de bordo, estudantes Felipe e Naty, 2019).

No depoimento desses estudantes, constata-se como eles perceberam o potencial da experiência da dança em mesclar corpos num todo capaz de ligar a realidade concreta ao mundo subjetivo, das sensibilidades, proporcionando uma busca pela integralidade do ato de dançar, intercambiando movimentos de diversas culturas, que estiveram em constante trânsito e renegociações.

O movimento trabalhado por estes estudantes expressou suas subjetividades e suas histórias por meio de seus corpos, a cada movimento suas percepções mudaram de foco, ou seja, estes jovens passaram a perceber diferentes áreas do corpo, o que lhes permitiu conhecer e explorar novos percursos que os colocaram em contato com consigo mesmo, com o outro e com o seu contexto. Essa estratégia pode constituir-se como um caminho para produzir mudanças na relação eu-outro e na relação escola-comunidade proporcionando produção de conhecimento e aprimorando a percepção corporal.

Também destacamos a fala da estudante/dançarina Ana, ao revelar como a experiência de dançar apresentou-se para ela como uma forma de olhar para dentro de si mesma, ao passo em que convive, vivencia a experiência em dançar num encontro de danças plurais. “Essa experiência de dançar com pessoas de diferentes idades, cada um com sua especialidade em dança me fez ter mais capacidade para me encontrar e me perceber de uma forma que nunca consigo [...] dançando com os mais velhos ou mais novos, com os mais ou menos experientes, pude refletir em minha forma de dançar e em meu movimento [...] eu consigo me ver dançando com um novo olhar [...]” (Diário de bordo, estudante Ana, 2019).

Podemos constatar, conforme os relatos de Ana, que essa vivência proporcionou-lhe outra forma de perceber sua autoimagem e outra forma de intercâmbio de experiências com os colegas, de maneira que ela passou a estranhar e a apreciar o seu próprio movimento, percebendo-o como um mover atualizado como experiência coletiva que se dança na diversidade de gêneros, culturas, etnias e identidades.

Ao longo dos experimentos e em apresentações de coreografias solo, Ana expressou uma dança intimamente articulada com sua identidade, ligando dimensões internas e externas do seu ser e estar no mundo, onde o corpo dançante foi tomando forma ao dançar no ritmo da sua composição e da sua poética. A jovem estudante descobriu um caminho dançante para acessar a si própria em profundidade, como forma de transcendência em busca da (re)ligação do movimento.

Acreditamos que essa experiência autêntica seja uma possível forma de termos acesso a uma parte de nós que ainda não se deu a ver, porém é a essência do que realmente somos. Eis a importância da linguagem corporal, a qual, segundo Freire (2001), quando ativada por meio da dança, pode ser aprendida e ser aplicada como ferramenta de expressar sentimentos e emoções silenciados, bem como estimula o diálogo com o outro e com o exterior, contribuindo para que o sujeito torne-se o protagonista de sua vida e escreva sua própria história.

Esse protagonismo pode ser traduzido como uma educação libertadora, o que nos remete a Freire (2011a, 2011b) e sua defesa em prol da pedagogia libertadora que assume o sujeito como o protagonista de sua própria história e de sua emancipação, na medida em que a educação torna-se problematizadora ao ponto de romper os obstáculos que impedem os sujeitos oprimidos de compreenderem sua realidade vivida e de se libertarem. Segundo Freire (2011b), a superação dessa situação se faz pela conscientização

histórica do sujeito, o qual torna-se capaz de reconhecer e ampliar sua existência histórica, estabelecendo, dessa forma, uma relação dialógica com o outro e com o mundo. Logo, a concepção de práxis de Freire vai além da aplicação de conhecimentos práticos para orientar a promoção da reflexão, da ação e da transformação do sujeito e de sua realidade histórica, pois, trata-se de uma “práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação”. (FREIRE, 2011b, p.108).

Em outros relatos, percebeu-se que muitos dos dançarinos destacaram que só foi possível começar a compreender a si próprio e o seu movimento quando partiram de uma compreensão do coletivo. Eles enfatizaram a potência das relações da experiência que se processaram entre o individual e o coletivo, conduzindo sua reflexão para uma composição de dança coletiva, pensando o seu corpo por meio de um encontro intercultural e percebendo neste conjunto de valores as suas raízes ancestrais, para assim refletir e questionar a sua dança, o seu movimento e a si mesmo.

O desafio para os estudantes, participantes do projeto de extensão, consiste, atualmente, em compor uma coreografia o mais diferente possível e também híbrida de culturas e movimentos, partindo da temática escolhida pelo grupo para que possa resultar em um espetáculo prazeroso de dançar e de apreciar. Nessa meta, os estudantes fazem uso de movimentos que fazem parte de suas próprias histórias e de suas influências cotidianas para a composição dos gestuais e das expressões que marcam a coreografia. Em outro aspecto, também estimulamos e provocamos os estudantes a compor uma coreografia que se constitua como um espaço de escuta, de desabafos, de questionamentos, de críticas, de expressão de sentidos, desejos, frustrações, enfim, que seja capaz de despertar/reactivar o corpo.

Neste contexto de trocas intensas de significados corporais, têm-se a importância da linguagem da dança enquanto arte que poetiza e expressa as complexas relações entre corpos no espaço dinâmico, o que Laban (1991) chamou de Corêutica, uma forma de relação que envolve os espaços de dentro e de fora do corpo num continuum avanço que transforma, dilui categorias e flexibiliza as fronteiras do movimento. Nesse sentido, Laban desloca a fronteira dos movimentos para o centro, de forma que a dança passa a caracterizar-se por relações de trocas colaborativas e alterações mútuas.

A dança dos estudantes/dançarinos incorporou elementos das danças populares da sua comunidade, da performance de outros grupos de dança, bem como movimentos do cotidiano, realizados naturalmente. Esta abertura aconteceu devido ao processo criativo, colaborativo e dialógico, onde dançarinos responderam livremente aos desafios de compor movimentos de dança. O ponto relevante nesse modo de dançar são as formas híbridas criadas a partir da narrativa corporal que desconstrói o movimento instituído para reativar e dinamizar o corpo. Nesse sentido, compreende-se que as formas híbridas constituem-se em um importante elemento para revitalizar o corpo que dança.

Compreende-se que essas experiências relatadas são formas de reconhecer-se no outro como atitude de valorização, respeito e igualdade. Eis a maneira como experiências alheias e fragmentos de movimentos do outro vão se fazendo corpo híbrido a partir do coletivo, rompendo barreiras culturais, linguísticas, sociais e físicas em busca de mover o que está na zona de conforto e reinventar, mudar padrões, mudar trajetórias.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa experiência de dançar com a comunidade constituiu-se como uma atividade expressiva que permitiu aprofundar a percepção de cada um sobre si mesmo e sobre os outros, como nos diz Soares *et al.* (1998). Isso mostra como a dança, quando trabalhada como um recurso pedagógico, pode contribuir no desenvolvimento emocional, cognitivo e identitário (PORPINO, 2006), promovendo uma formação significativa do sujeito, que se processa com maneiras singulares de sentir, ser e agir (Saraiva-Kunz (1994). Por meio da dança, o sujeito pode interagir com o mundo de forma lúdica e prazerosa, pode encontrar novas possibilidades de comunicação com ou outro, ao mesmo tempo em que desenvolve sua consciência corporal.

Esse estado de experiência foi intimamente único, mas também extremamente coletivo, no ato de dançar, enquanto articulação corpo-dança-educação-comunidade. Tratou-se de um lampejo da experiência autêntica, onde danças étnicas, populares ou folclóricas, danças da terra, danças cosmológicas, convidaram-nos a entrega, a cumplicidade coletiva de uma comunidade.

Os resultados dessa pesquisa apontam que a metodologia educativa do projeto de extensão investigado está, gradativamente, envolvendo os estudantes participantes e os membros de sua comunidade em ações de dança que procuram aprender e ensinar por meio da experiência criativa do corpo, deixando fruir o movimento livre da dança e da cultura e expressando os sentidos da vida, os modos de viver e estar no mundo. Ou seja, esses estudantes-dançarinos, aos poucos, estão tornando-se capazes de (res)significar e (re)escrever a história do seu próprio tempo e espaço, ao passo em que dançam, aprendem e ensinam criticamente.

Em meio a esta vivência, os jovens dançarinos transformaram os movimentos do outro em movimentos próprios dos seus corpos, evocando estilos e culturas que tecem uma dança com os fios da experiência. E dessa maneira, forma-se uma rede de corpos híbridos capazes de dar novos sentidos a vida e capazes de encontrar uma nova forma de habitar os espaços históricos-culturais de sua comunidade.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, I. M. **Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento**. Campinas: Cadernos Cedes, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática para a liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011b.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1991.

\_\_\_\_\_. **O domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PORPINO, K. O. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. Natal: Editora da UFRN, 2006.

SARAIVA-KUNZ, M. C. S. Ensinando a Dança através da improvisação. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 5, n. 5-7, dez., 1994, p. 166-169.

SOARES, A. *et al.* **Improvisação e dança: conteúdos para a dança na educação física**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

SACRISTÁN, José Gimeno. O que significa currículo? In: SACRISTÁN, José Gimeno et al. **Saberes e Incertezas sobre o currículo**. São Paulo: Pensa, 2013. Cap. 1. p. 16-37.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Método**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.